



25 DE ABRIL, AS CANTIGAS QUE DERAM O VENTRE À LIBERDADE...

Sérgio Oliveira, director

Era uma vez um país onde entre o mar e a guerra vivia o mais infeliz dos povos à beira-terra. Era uma vez um país onde o pão era contado onde quem tinha a raiz tinha o fruto arrecadado, onde quem tinha o dinheiro tinha o operário algemado, onde morria primeiro quem nascia desgraçado. Um povo que era levado para Angola nos porões, um povo que era tratado como a arma dos patrões, um povo que era obrigado a matar por suas mãos sem saber que um bom soldado nunca fere os seus irmãos. Ora passou-se, porém, que dentro de um povo escravo alguém que lhe queria bem um dia plantou um cravo.

E foi nessa madrugada que Depois do Adeus, se cantou a Grândola Vila Morena. Era a noite mais bela de todas as noites que aconteceram. Era a madrugada que eu esperava e cantava, minha laranja amarga e doce, meu poema, milho vermelho, cravo de carne, bago de amor, era a desfolhada de um povo que mais ordena, que cerra fileiras, que parte à conquista da paz, ao som de uma gaivota, que canta que o povo unido jamais será vencido, e o soldadinho não volta para o outro lado do mar.

Não importa sol ou sombra, camarotes ou barreiras, toureamos ombro a ombro as feras, e se houver alguém que não goste, não gaste deixe ficar. Por teu livre pensamento, passamos a ser livres e não voltaremos atrás, porque mesmo na noite mais triste, em tempo de servidão, há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não.

Sim, a cantiga foi, é, e sempre será uma arma e eu não sabia que tudo depende da bala e da pontaria. E se houver uma praça de gente madura, quando um homem se põe a pensar, na paz, pão, habitação, saúde, educação, que nos acordes de uma guitarra se cantava, canta, canta, amigo canta, as portas que abril abriu.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, menina estás à janela, a ver que eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida, e sempre que um homem sonha o mundo pula e avança, como bola colorida entre as mãos de uma criança, porque não há só gaivotas em terra quando um homem se põe a pensar, no céu cinzento sob o astro mudo, batendo as asas pela noite calada, eles comem tudo, eles comem tudo e não deixam nada.

Caminharemos de olhos deslumbrados, por essa estrada amigo vem, para que ninguém durma à noite ao relento na areia, e para que a morte não saia à rua num dia assim, e sempre que vemos ouvimos e lemos não podemos ignorar, que a pátria que temos não a temos.

Quando eu for pequeno, quero ouvir de novo a tua voz. É urgente inventar alegria, porque não quero morrer sem saber qual a cor da liberdade, e viver com as minhas tamanquinhas, porque havia uma luta de

prata e sangue em cada mão, porque se o canto assim nunca é demais, nos versos da rapariga no país de abril.

Eu vi abril de ser e não ser, já não vamos brincar à caridadezinha, porque a liberdade que estais no céu, na terra e em mim, já não se queixa das almas censuradas. Se em cada um de nós há um marinheiro, não te deixes murchar, porque é possível viver sem fingir que se vive a trabalhar o dia inteiro, construir as cidades para os outros, carregar pedras, desperdiçar muita força por pouco dinheiro.

Este parte, aquele parte e todos se vão, ver que a lira por ser ingrata tiranicamente morreu na madrugada que eu esperava, ver nos lobos do mar, marinheiros a fazer a travessia, e se fores ver o mar, ao romper da bela aurora, recorda que o que faz falta é avisar a malta.

São os filhos da madrugada, que pela praia do mar nós vamos, a deixar sementes prateadas germinando longamente no olhar dos meninos por haver, que à volta da fogueira os meninos do huambo constroem sonhos com os mais velhos de mãos dadas.

Eu vim de longe, de muito longe, o que eu andei para aqui chegar, atravessando o deserto no comboio descendente. Só há liberdade a sério quando houver liberdade de mudar e decidir, quando pertencer ao povo o que o povo produzir, porque já não há machado que corte a raiz ao pensamento, não há morte para o vento, porque hoje somos nós os teus cantores, cantando a liberdade e a democracia, que tanto devemos aos nossos poetas e cantores de abril.

Este texto é uma composição de títulos e poemas escritos e cantados por homens e mulheres de abril. O que lhes devemos pagamos com a defesa da democracia e a liberdade.

Adriano Correia de Oliveira | António Gedeão | António Macedo | Ary dos Santos | Brigada Vitor Jara | Carlos Alberto Moniz | Carlos do Carmo | Carlos Paredes | David Mourão Ferreira | Duarte Mendes | Ermelinda Duarte | Eugénio de Andrade | Fausto | Fernando Pessoa | Fernando Tordo | Francisco Fanhais | Jorge de Sena | José Barata Moura | José Fanha | José Jorge Letria | José Mário Branco | José Nisa | Luis Cília | Luís Tinoco | Manuel Alegre | Manuel Freire | Manuel Rui | Miguel Torga | Natália Correia | Paulo de Carvalho | Pedro Barroso | Rui Mingas | Sérgio Godinho | Simone de Oliveira | Sophia de Mello Breyner | Vitorino | Salomé | Zeca Afonso.

dependências
SÓ PARA PROFISSIONAIS

FICHA TÉCNICA Propriedade, Redação, Direção e morada do Editor: Newscoop - Informação e Comunicação, CRL; Rua António Ramalho, 600E; 4460-240 Senhora da Hora Matosinhos; Publicação periódica mensal registada na ERC com o nº 124 854. **NIPC:** 507 932 161. Tiragem: 10000 exemplares. Contactos: 220 966 727 / 916 899 539; sergio.oliveira@newscoop.pt; www.dependencias.pt **Diretor:** Sérgio Oliveira **Editor:** António Sérgio **Colaboração:** Filipa Oliveira, Alexandra Isabel, Mireia Pascual **Produção Gráfica:** Ana Oliveira **Impressão:** Multitema, Rua Cerco do Porto, 4300-119, tel. 225192600 **Estatuto Editorial pode ser consultado na página www.dependencias.pt**